

Saudades de Dionísio

Edmar L. Bacha

Valor, 18.8.2010

Obituário do economista da PUC-Rio

A primeira vez que estive com Dionísio Dias Carneiro foi em 1967, quando vim ao Rio para fazer uma pesquisa para minha tese de doutorado na Universidade de Yale. Ele estava se preparando para entrar no curso de mestrado na Escola de Pós-Graduação em Economia da Fundação Getúlio Vargas. Logo fiquei sabendo que, naquele grupo, dois alunos se sobressaíam - Dionísio e Francisco Lopes.

Dionísio foi em seguida cursar o doutorado na Universidade de Vanderbilt, onde o visitei pelo menos uma vez. Em 1972, fui chefiar o Departamento de Economia da Universidade de Brasília. Convidei Chico e Dionísio para, juntos, criarmos o que então chamava de "Cambridge do Planalto", uma nova proposta de pós-graduação em economia no Brasil - reunindo ensino e pesquisa à moda do mundo universitário anglo-saxão, mas com um forte tempero latino-americano. A experiência foi curta, apenas dois anos, mas extremamente rica.

Em Brasília, estávamos eu, Dionísio e Lance Taylor (professor visitante, vindo de Harvard e com quem havia anteriormente trabalhado no Chile) fascinados com as controvérsias teóricas sobre a natureza do capital, que opunham a Cambridge inglesa à Cambridge americana. Piero Sraffa, professor italiano radicado em Cambridge, Inglaterra, de uma geração anterior, havia escrito um livro instigante, "Produção de mercadorias por meio de mercadorias", que supostamente resolvia dois problemas fundamentais da economia clássica - a busca de uma unidade invariante de valor por David Ricardo e a transformação de valores em preços por Karl Marx.

Após meses a fio de imersão na prosa afiada de Sraffa, conseguimos os três demonstrar matematicamente essas proposições, mostrando inclusive como a transformação de Marx se associava à mercadoria padrão de Ricardo. Foi uma sensação incrível, sobre a qual até recentemente eu e Dionísio comentávamos, de termos entendido e explicitado analiticamente dois problemas fundamentais da economia clássica. Pura ginástica mental, mas que êxtase nos propiciou!

Poucos anos depois, no fim de 1977, Dionísio e Chico, acompanhados de Rogério Werneck, criaram o mestrado em economia da PUC-Rio. No fim de 1978, juntei-me a eles. Logo, outros a nós se agregaram, para formar um grupo de economistas que não só constituiu um departamento acadêmico de renome internacional, mas também deu o tom da política econômica no país após a redemocratização.

A beleza da PUC é que se tratou de uma obra coletiva, em que não havia um "primus inter pares"; éramos um grupo coeso de pessoas, comprometidas com um projeto acadêmico inovador e com a melhoria da qualidade da política econômica no país. Para Luiz Roberto Cunha, Dionísio foi a alma do departamento; para mim, seu esteio - ele configurava nosso compromisso com a excelência da pesquisa acadêmica, voltada para os grandes temas da política econômica no país, e com a formação de profissionais altamente qualificados. Seu legado de professor é testemunhado pelo convite publicado no "O Globo" por cerca de uma centena e meia de autodeclarados ex-alunos, grande parte mestres ou doutores, todos exitosos na profissão, para sua missa de 7º Dia.

Na PUC, os nossos interesses se fixaram no estudo de políticas econômicas que permitissem a superação da crise da dívida externa, da hiperinflação e da estagnação econômica do país. Refiro-me aqui apenas a duas ocasiões, ambas no início da década de 90, em que colaborei mais de perto com Dionísio nesses temas.

A primeira foi uma resenha sobre políticas de estabilização em países em desenvolvimento, que preparamos para as Nações Unidas - as lições que ali alinhavamos sobre "os inúmeros fracassos e os poucos êxitos" dessas políticas na década de 1980 tiveram reflexo direto na formulação, poucos anos depois, do Plano Real. A segunda foi um estudo para o Banco Interamericano de Desenvolvimento, feito a seis mãos com Rogério Werneck, sobre os requisitos de poupança e investimento para a retomada do crescimento do país, cuja atualidade permanece.

Em 2003, Dionísio foi a figura central na criação do Instituto de Estudos de Política Econômica, mais conhecido como Casa das Garças, um nome de sua invenção. De um lado, concertou com seu ex-aluno Antonio de Padua Bittencourt a cessão para o instituto de parte do belo edifício desenhado por Oscar Niemeyer e ajardinado por Burle Marx, que Antonio havia comprado em leilão, a pouca distância do campus da PUC-Rio. De outro, arquitetou, junto comigo, a participação no instituto de um grupo de ex-professores da PUC, muitos com passagem pelo governo, todos ansiosos por dispor de um fórum para debater os novos temas da política econômica e social após a estabilização. Dionísio também contribuiu para atrair sócios do mundo empresarial, possibilitando o autofinanciamento do instituto.

Desde então, já há sete anos, convivemos quase que diariamente, organizando seminários, grupos de trabalho, textos para discussão e livros, além das atividades dos

estudantes de economia associados ao instituto. A dedicação de Dionísio a essa empreitada é ilustrada pela recente coletânea de artigos organizados por ele e Monica Baumgarten de Bolle, que tive o prazer de prefaciar, sobre a reforma do sistema financeiro americano e o contexto regulatório brasileiro. É um exemplo do quanto vinha ele contribuindo para a projeção que tem hoje a Casa das Garças como centro de reflexão e debates sobre temas de interesse local, nacional e internacional.

Uma longa história de amizade e cumplicidade intelectual. Tantas experiências enriquecedoras de vida de que desfrutamos juntos. Saudades de Dionísio.

Edmar Lisboa Bacha é diretor do Instituto de Estudos de Política Econômica da Casa das Garças.